

## Semeando o campo alheio: católicos, protestantes e leigos na disputa pela catequese indígena em Goiás.

PATRÍCIA COSTA GRIGÓRIO\*

*Ontem, pela manhã, fomos surpreendidos por uma interessantíssima visita: a do índio Sepé hereditário da tribo dos Cherentes, de Goiás, e hoje transformado pela civilização em capitão Joaquim Sepé Brasil, chefe da aldeia Providência, na Piabanha, á margem do rio Tocantins. [...] Sepé – perdão – o sr. capitão Sepé vem ao Rio de Janeiro acompanhado de quatro conterrâneos em delicada missão de seu povo, - pedir ao Sr. presidente da República que mande fornecer á aldeia, fazendas, ferramentas, armas, etc., e que o Estado avalie a obra de civilização que até agora se faz entregue a ele Sepé e outros, que não tem competência para tão grande empreendimento (DALTRO: 1920,1).*

Apesar de ter chamado a atenção e de ser notícia durante vários dias na imprensa da capital federal, a expedição do cacique Sepé ao Rio de Janeiro não se constituía num fato inédito para os moradores da cidade nem para os índios. A tribo Xerente, originária da região do rio Tocantins, possuía um histórico de viagens à capital de Goiás e ao Rio de Janeiro desde os tempos do Império. Segundo Ivo Schroeder, as narrativas Xerente atuais dão conta de que seus antepassados andavam muito não apenas na região de Goiás e Rio de Janeiro, como também chegaram a outras regiões distantes, como Minas Gerais e Bahia (SCHOEDER, 2006:26).

Mas, naquela ocasião, o grupo comandado pelo Capitão Sepé e composto por mais quatro índios – Domingos Debaqueró, Sebastião Dabá-nharim, Marcellino Decapsicuá e Bernardo Cumenancé – desejava mais do que ferramentas, roupas e objetos agrícolas: queria do governo auxílio para a educação, principalmente das crianças, que precisavam de alguém que as ensinasse a ler e a escrever.

*Eu faço o que posso... vou buscar bugre no mato, com geito trago ele para o aldeamento, trato ele bem, ele depois vai contar a outros e outros vêm. Mas eu não sei nada, não sei escrever, não posso ensinar aos pequenos que vão nascendo, me dói o coração de ver tanta gente sem ser aproveitada! (DALTRO: 1920, 1)*

---

\* Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: [patricia\\_costagrignorio@yahoo.com.br](mailto:patricia_costagrignorio@yahoo.com.br).

2

A falta de hospitalidade oferecida aos índios enquanto aguardavam uma audiência com o presidente da República, Prudente de Moraes – alojados em uma delegacia de polícia e ainda com as roupas sujas utilizadas na viagem – causou indignação à imprensa da capital que noticiava a expedição. Durante dias, o jornal *O Paiz* publicou as dificuldades que os índios encontravam para conseguir a esperada audiência e reivindicaram uma melhor recepção para “uma gente que desce das serranias, onde deixam família, guiando-os só a ingenuidade, a boa fé nos povos cultos, a esperança de obter benefícios da civilização” (DALTRO: 1920, 5).

O apelo dos índios comoveu a “alma generosa e meiga de uma distinta professora fluminense”, D. Leolinda de Figueiredo Daltro, que ofereceu ao governo seus serviços para a “civilização dos Cherentes da Providencia” (DALTRO: 1920, 26). Entre os anos de 1896 e 1900, a professora percorreu diversas aldeias no estado de Goiás, onde teve contato com diversas tribos com o objetivo de atender o pedido dos índios que foram ao Rio de Janeiro. Mas sofreu forte resistência dos missionários católicos que atuavam no trabalho de catequese no estado, em especial Frei Antonio de Ganges, frade capuchinho, e Frei Gil de Vilanova, frade dominicano. As perseguições sofridas da parte desses missionários se voltaram, segundo sua narrativa, para a promoção de uma campanha de difamação entre a população local acerca de sua pessoa e também a ameaças contra a sua vida.

Último frade capuchinho em Goiás, Frei Antonio de Ganges era Diretor do aldeamento Piabanha há cerca de trinta anos. Atuando entre os índios Xerente, enfrentava na ocasião da viagem da professora, muitos problemas em relação à catequese, como falta de recursos e de missionários que o ajudassem no trabalho. Descrente nos resultados da intervenção missionária para civilizar as populações indígenas e com uma política anticlerical, os primeiros governos republicanos goianos restringiram as verbas destinadas à catequese, medida que atingiu Frei Antonio diretamente, que teve seu ordenado reduzido à metade, valor que ele considerava injusto e insuficiente para manter a missão e distribuir as ferramentas, os alimentos e o sal que os índios costumavam receber (GANGES: 1894).

Por sua vez, Frei Gil de Vilanova vinha dispensando anos em preparativos, arranjos políticos e clericais, dedicando-se à atração dos índios e enfrentando dificuldades financeiras para colocar em prática sua recém inaugurada missão entre os índios Kayapó em Conceição do Araguaia quando Leolinda chegou a Goiás, procurando assumir a função de catequista dos índios. Sem poder contar com o apoio do governo de Goiás para seu trabalho em Conceição, a

3

missão dominicana em Conceição do Araguaia contava com o financiamento do governo do Pará, de quem recebia dinheiro, tecidos e roupas, machados, enxadas e outros instrumentos agrícolas (GALLAIS: 1942).

Os registros da viagem da professora Leolinda Daltro a Goiás podem ser encontrados na primeira parte de seu livro *Da catechese dos índios no Brasil. Notícias e documentos para a História. 1996-1911*, publicado em 1920. Reunindo uma documentação composta de recortes de jornais, cartas de amigos, declarações de moradores e de autoridades goianas, a professora constrói uma narrativa que procura dar conta da sua viagem, desde o seu início até o fim. Através dessa documentação, o leitor é conduzido a um enredo que apresenta uma intrépida professora que, por altruísmo e amor aos índios, desafia todas as dificuldades e obstáculos, abandona tudo e todos para atender ao pedido de “um selvagem que lamentava sua ignorância e pedia luzes aos homens civilizados” (DALTRO: 1910).

Na narrativa construída por Leolinda, os religiosos estabelecidos em Goiás foram os principais responsáveis pelo malogro da sua missão.

*(...) uma das principais dificuldades que encontrei no meu caminho foi devido ao pseudo serviço de catequese, anteriormente feito por frades estrangeiros, muitas vezes para aqui vindos expulsos dos centros civilizados. (...) Era de esperar mesmo que o arrojo de uma mulher que se arriscara a ir só, sem recursos e sem proteção oficial, aos sertões, para encetar o serviço da verdadeira educação leiga entre os silvícolas, despertasse a prevenção e a hostilidade daqueles que exploram a catequese religiosa (DALTRO, 1918).*

A partir do que viveu e presenciou nas localidades por onde passou, Leolinda usou sua experiência como sustentação para as considerações acerca das ações dos frades entre os índios, acusando-os de se restringirem apenas ao ensinamento religioso, produzindo homens fanáticos e supersticiosos e denunciando também o mau uso dos recursos públicos, já que os mesmos recebiam auxílio governamental, mas não administravam as aldeias e deixavam os indígenas à mercê da própria sorte. Como consequência dessa situação, os índios eram analfabetos e não possuíam nenhuma formação profissional que lhes garantissem trabalho e sustento.

Verdadeira ou não, a suposta conspiração dos frades não é totalmente sem sentido. A região percorrida por Leolinda vinha sendo considerada um território de atividade missionária católica e o projeto de catequese da professora coincidia com as dificuldades que os frades

4

capuchinhos e dominicanos enfrentavam para colocar em prática o projeto de catequese. Portanto, a presença da professora pode ter se apresentado aos olhos dos frades tanto como uma afronta como também como uma concorrência.

Uma leitura mais atenta da documentação apresentada por Leolinda Daltro em seu livro permitiu identificar algumas personagens e situações as quais, no conjunto da obra, passam despercebidas, mas que, ao serem investigadas com mais cuidado, possibilitam-nos perceber: embora as perseguições dos missionários descritas pela professora apresentem um caráter pessoal e sejam apresentadas como uma tentativa dos frades em garantir a manutenção de uma atividade considerada por ela como exploradora, tais atos envolviam outros agentes. Entre essas personagens, estão missionários protestantes, como Horace Lane, que teve participação importante na organização da viagem de Leolinda a Goiás, e William Azel Cook, que percorreu algumas aldeias indígenas em sua companhia.

O que se pretende demonstrar é que a oposição dos frades católicos à Leolinda Daltro foi resultado das alianças e relações estabelecidas por ela com os missionários protestantes para implantar seu projeto de catequese e que essa oposição também se configurou na defesa de um monopólio até então assegurado à Igreja – a catequese indígena – ameaçado pelas investidas de outros agentes que pretendiam atuar entre os índios, incentivados pelas transformações sociais e políticas promovidas pela instauração do regime republicano.

Desde meados do século XIX, os religiosos católicos enfrentavam as investidas protestantes entre a população goiana, que, assim como em outras regiões do país, intensificaram-se com a instauração do regime republicano e, conseqüentemente, com a nova situação jurídica da Igreja Católica, destituída de seu papel de religião oficial do Estado. Os protestantes aproveitaram os espaços deixados pelo fim do culto oficial acentuando as ações evangelizadoras entre a população sertaneja, fazendo pregações e distribuindo Bíblias.

A atuação e a ameaça representada pelo protestantismo sobre a população brasileira e, especificamente a goiana, foram temas constantes do periódico *A Cruz*, folha de propriedade da Ordem Dominicana em Goiás e impressa sob a direção de Frei Gil de Vilanova. Em biografia acerca da vida do frade, seu superior Frei Estevão Gallais, não deixou passar em branco os embates vivenciados pelos dominicanos contra as investidas dos missionários protestantes que vagavam pelos sertões do estado buscando conquistar almas para a fé reformada.

Apesar de não duvidar do catolicismo do povo brasileiro, que mesmo com a “ausência de clero e da insuficiência de meios para realizar a instrução religiosa” continuava a manter a fé e a transmiti-la de pai para filho, para Frei Gallais, os missionários e “os livros de propaganda protestante” que inundavam o país não deixavam de representar um perigo. O avanço protestante foi comparado pelo missionário dominicano como uma maré cheia, que, “depois de haver invadido as regiões vizinhas da costa”, chegava ao centro do país e, “semelhantes às águas do dilúvio”, ameaçava “cobrir os vértices mais inacessíveis, as regiões que pareciam mais abrigadas” (GALLAIS, 1942,115).

E esse avanço protestante era perigoso para a Igreja Católica, porque acontecia sem alarde e pouco se fazia para contê-lo. Além disso, a própria vivência da religião pelos brasileiros fornecia espaços para que o catolicismo fosse colocado em dúvida, possibilitando aos “mata mouros da fé católica” ganhar adeptos:

*No Brasil, como em toda parte, é fácil apontar, nos dogmas e na disciplina da Igreja Católica, coisas que, apresentadas a uma falsa luz, fornecem matéria a objeções específicas, lancem a dúvida nas almas simples e ignorantes e as abalem na sua fé* (GALLAIS: 1942, 116).

Se as investidas protestantes entre os sertanejos representavam uma ameaça à hegemonia católica, que já havia sofrido perdas significativas ao ter retirado seu monopólio sobre a educação, os cemitérios e o casamento, no caso dos índios, ela se apresentava com mais intensidade. Apesar da instauração de um Estado laico com a implantação do regime republicano, a Igreja Católica ainda mantinha a catequese indígena sob seu controle. O Decreto nº 7, de 20 de novembro de 1889, que determinou a organização da catequese a cargo dos próprios estados, não modificou o quadro existente desde o período imperial, em que as ordens religiosas continuaram a atuar entre os índios.

Apesar das reivindicações dos periódicos goianos para que o governo goiano desse continuidade a “catechese por meio dos missionários” pois que dela importava “o socego e o progresso da lavoura”,<sup>1</sup> em Goiás havia um quadro bastante distinto em relação à atuação dos missionários católicos. As expectativas do governo goiano em relação aos resultados da catequese não se apresentavam tão favoráveis, o que possivelmente contribuiu para um

---

<sup>1</sup> “Catechese de índios”. *Estado de Goyaz*, 29 jan. 1892.

6

aparente abandono da política de catequese no estado no início do regime republicano.<sup>2</sup> Em segundo lugar, devemos levar em consideração a tensão vivida entre a Igreja Católica goiana e o governo estadual, controlado pelos Bulhões e seus aliados, opositores ferrenhos do romanizador do novo Bispo de Goiás, Dom Eduardo Duarte Silva, que assumiu o comando da Diocese, em 1891(VAZ: 1997).

Sob essa perspectiva, analisaremos neste trabalho os conflitos entre a professora Leolinda Daltro e os missionários católicos envolvidos com a catequese dos índios no estado de Goiás, nos anos iniciais do regime republicano, resgatando o papel de alguns personagens que, na narrativa construída por Leolinda, aparecem como simples aliados e colaboradores, como no caso dos protestantes Horace Lane e William Cook. Nosso objetivo aqui é o de investigar o contexto e o sentido de suas ações desses agentes, tentando alcançar questões que estavam envolvidas nesse jogo de interesses, como por exemplo, a resistência dos missionários católicos à expansão do protestantismo e a ameaça que estes representavam ao monopólio católico sobre a catequese indígena.

### **As disputas pelos índios em Goiás**

Os problemas enfrentados por Leolinda Daltro para iniciar um trabalho de educação entre os índios começaram antes da sua chegada a Goiás, na primeira escala da sua viagem na cidade de Uberaba. A recepção dos moradores à professora não foi nada positiva, e a imprensa mineira publicava notas de repúdio ao empreendimento. Seguindo as correspondências publicadas em seu livro, podemos identificar os agentes que a professora considerava os responsáveis pelas dificuldades e hostilidades a que foi exposta ao chegar à cidade: os frades instalados no Convento de Uberaba. As acusações acerca da “perseguição dos frades” à professora aparecem em diversas correspondências enviadas a ela, que as organiza dentro do livro de forma a convencer o leitor de que havia realmente um complô dos religiosos do convento da cidade a fim de impedir a continuação da sua viagem e fazê-la retornar ao Rio de Janeiro.

---

<sup>2</sup> Em 1891, as verbas destinadas ao serviço foram reduzidas e a fazenda Dumbazinho, onde havia funcionado o Colégio Isabel, foi posta à venda pelo governo estadual. PAIXÃO, Rodolpho Gustavo da. **Mensagem dirigida a Camara Legislativa de Goyaz pelo Governador do Estado Major Dr. Gustavo Rodolpho da Paixão no dia 05 de Dezembro de 1891.** Goyaz: Typ. Perseverança de Tocantins, 1891.

7

Em uma carta publicada em seu livro, onde seu amigo Felicíssimo do Espírito Santo lhe conta sobre a ocasião em que foi até o Bispo de Goiás, Dom Eduardo Duarte Silva, esclarecer “a campanha de difamação” contra a ela e as ações que eram atribuídas aos frades, temos a indicação da desconfiança que terá seus desdobramentos no sertão de Goiás: a confissão religiosa da professora Daltro.

*Dom Duarte garantiu-me sob sua palavra de honra, que era mentira, que pelo contrário, não só os padres do “convento” de Uberaba como os de Goiás estão deveras admirados de sua santa abnegação e dispostos a protegê-la no que lhes for possível, caso a senhora não seja protestante (como dizem por aí) (DALTRO: 1920, 105).*

Provavelmente, essa desconfiança estava relacionada à amizade e aliança estabelecida antes do início da expedição entre Leolinda e Horace Lane, diretor do Colégio Mackenzie ou Escola Americana, como era chamada na época. De passagem por São Paulo, de onde daria início à sua expedição em direção à aldeia do Capitão Sepé, em Goiás, a professora recebeu grande apoio da imprensa local, que promoveu diversas campanhas de arrecadação de fundos para a viagem.

De origem protestante, Horace Lane foi o principal entusiasta e incentivador da missão da professora Daltro. Além da quantia total de duzentos réis doada por ele, pelo professor William Waddell e por alunos do colégio para as despesas iniciais da viagem, Lane se comprometeu, em seu nome e da Escola Americana, a contribuir mensalmente com a quantia de cinquenta réis enquanto durasse a expedição, além do fornecimento de material escolar e livros para o trabalho de educação dos índios. Promoveu uma lista de arrecadação de fundos para a viagem onde constava nomes de integrantes da elite política e intelectual paulista, como Martinho Prado, Cerqueira César, Caio Prado, Ramos de Azevedo e Elias Fausto.

Além de arrecadar fundos para a viagem, Lane prestou apoio logístico e estabeleceu contatos a que a professora sozinha talvez não pudesse dar início. Com amigos influentes, Horace Lane conseguiu cartas de recomendação para a professora apresentar em Uberaba e em Goiás. Entusiasmado com o projeto de Leolinda de fundar uma colônia e criar uma escola indígena nas margens do rio Araguaia, o educador se ofereceu para contribuir com a quantia de trezentos mil réis por ano para a manutenção da referida escola enquanto ela funcionasse e enquanto ele fosse vivo. Também se comprometeu a levar “ao conhecimento de pessoas

8

amigas dos índios” todas as informações que Leolinda pudesse passar acerca dos mesmos, quando então poderia solicitar dessas pessoas “auxílio material para a escola, logo que se torne um facto consumado”(DALTRO: 1920, 340).

A questão da educação dos índios se apresentava para Horace Lane não apenas como um “dever christão”, mas também como “um trabalho de alto patriotismo” que deveria “merecer o apoio e a protecção de todo bom brasileiro” (DALTRO: 1920, 339). Os resultados positivos do trabalho entre os índios em sua terra natal aparecem nas cartas em que expressa seu entusiasmo pelo empreendimento de Leolinda Daltro:

*Os primeiros e mais benéficos movimentos em prol da civilização dos índios Norte Americanos foram de iniciativa particular. A civilização da grande tribo dos Chivitows foi devida, quase exclusivamente, aos esforços e dedicação de uma senhora, que passou vinte anos da sua vida no meio deles e gastou uma fortuna considerável. Foi ainda uma senhora que abriu uma escola entre os Dakotas, e que ainda reside entre eles, contribuindo grandemente para sua civilização. Sirvam estes exemplos de estímulo à corajosa D. Leolinda, na espinhosa, porém grata e patriótica missão que vai empreender (DALTRO: 1920,36).*

Se a aproximação de Leolinda Daltro com Horace Lane significou para a professora a conquista de um importante e influente aliado que lhe abriu as portas para a captação das verbas de que precisava e para o estabelecimento de relações com pessoas que poderiam lhe ser úteis na realização do trabalho de educação dos índios em Goiás, por outro lado, também provocou desconfianças acerca da adesão da professora à fé reformada, reforçada pela matrícula de seus filhos no colégio protestante dirigido pelo educador.<sup>3</sup>

Uma das críticas mais contundentes à expedição de Leolinda Daltro foi de D. Veridiana Prado, que, na tentativa de dissuadir a professora de seguir para Goiás, chegou a lhe oferecer dez contos de réis para que ela voltasse ao Rio de Janeiro e ainda lhe prometeu o apoio político de seus filhos para que ela retornasse ao seu cargo de professora. Além de tentar fazer com que Leolinda desistisse da expedição, D. Veridiana criticou a atitude da professora em matricular seus filhos no colégio presbiteriano, demonstrando preocupação com o afastamento de Leolinda da fé católica.

---

<sup>3</sup> Ao perceber a preocupação da professora Daltro com a sorte de seus dois filhos menores enquanto ela estivesse em Goiás, Horace Lane se ofereceu para receber as crianças como alunos internos na Escola Americana. A oferta foi aceita pela professora, e seus filhos Oscar e Leobino ficaram em São Paulo sob a responsabilidade do educador.



*Sabendo que a senhora é parenta de D. Antonio de Macedo Costa, muito me admira haver internado seus filhos em um colégio protestante. Se porém a senhora não quiser desistir do seu temerário intento, reitero a proposta que lhe fiz de ajuda-la, com a condição de aceitar a companhia de um santo sacerdote que se preste a acompanhá-la e ser o seu guia espiritual. Neste caso, tenha então a bondade de mandar-me uma autorização com firma reconhecida por tabelião, para me encarregar da educação de seus filhos que internarei em um colégio, católico, como por exemplo, o Seminário (DALTRO: 1920, 75-6)*

Além das suspeitas promovidas pelas relações de amizade com Horace Lane, as suspeitas acerca da profissão de fé da professora Daltro e os objetivos da sua atuação entre os índios foram reforçadas com a presença de um personagem que fez parte da sua expedição a Goiás durante um período: o missionário protestante William Azel Cook.<sup>4</sup> A expedição do Capitão Sepé e a expressão de seu desejo de ter um professor na aldeia para educar as crianças também chamaram a atenção dos grupos protestantes estabelecidos no país.

Enviado a Goiás com o objetivo de fundar uma missão entre os índios, o missionário William Cook saiu do Rio de Janeiro em direção a Goiás alguns meses depois da partida de Leolinda Daltro, em 1896. Parece ter seguido o mesmo roteiro da professora, saindo de São Paulo e passando por Uberaba e Araguari. O encontro entre os dois se deu em Leopoldina, em novembro de 1897, e Cook se juntou à comitiva da professora que, na ocasião, preparava-se para descer o rio Araguaia.

Enquanto esperava para seguir viagem, o missionário protestante visitava as famílias de Leopoldina fazendo pregações e lendo a Bíblia para elas. Ao saírem do povoado, Leolinda Daltro e William Cook visitaram uma aldeia Karajá que ficava nas proximidades do rio das Mortes, visitaram Barreira de Santana, povoado fundado anos antes por Frei Gil de Vilanova e também passaram Santa Maria do Araguaia. A última parada da expedição conjunta foi a Ilha do Bananal, onde vivia uma tribo Xerente. Nesse ponto, as comitivas se separaram, e enquanto Cook permaneceu na Ilha do Bananal, Leolinda seguiu viagem em direção a Piabanha, povoado nas imediações da aldeia de Sepé.

Segundo as declarações recolhidas pela professora entre os moradores dos diversos povoados por onde passou, Frei Antonio de Ganges, o frade capuchinho Diretor do aldeamento Piabanha onde viviam os Xerente comandados por Sepé, não teria se agrado da presença da professora no aldeamento e passou a “desacata-la”. Os motivos dos desacatos

---

<sup>4</sup> Segundo a folha presbiteriana *O Estandarte*, William Azel Cook era missionário da Aliança Cristã e Missionária, fundada em Nova Iorque por Albert Benjamin Simpson, em 1887.

10

promovidos pelo missionário tinham “origem simplesmente no patriótico princípio de haver D. Leolinda Daltro ter se encarregado de levar a civilização aos indígenas, chamando-os a instrução” (DALTRO: 1920, 233). As perseguições de Frei Antonio teriam se iniciado assim que a professora começou a explorar o aldeamento e foram se intensificando a ponto dela sentir que não poderia permanecer no local, já que o frade “[segundo se dizia] a mandara assassinar pelo crime de, contra sua expressa vontade, atender ao apelo dos selvagens visitando-os em suas aldeias” (DALTRO: 1920, 251).

Apesar das acusações de perseguição e da tentativa de assassinar a professora serem todas dirigidas a Frei Antônio de Ganges, uma declaração dos moradores da vila de Pedro Afonso indica não apenas um dos prováveis motivos da resistência do missionário à presença da professora no aldeamento como também indica a possibilidade de existência de outros agentes que não aprovavam e/ou não desejavam sua atuação entre os índios. E, além da suposta contratação de matadores pelo frade para dar fim à sua vida, outra estratégia era utilizada: insuflar os próprios índios contra a presença da professora em suas aldeias. Assim, nos “diversos aldeamentos dos índios caraós, chavantes e cherentes” por onde passava, Leolinda sofria

*os maiores horrores de traições dos índios, movidas por pessoas estranhas que surrateiramente se introduzem nos aldeamentos com o fim de enredar-la com os índios, incutindo-lhes nos espíritos selvagens que D. Leolinda é excomungada, anti-christo, capa verde, pé de pato, dente de ouro, judia errante, e que tem pacto com o diabo por ser protestante* (DALTRO: 1920, 277)

Apesar de ter chegado a Piabanha e às aldeias Xerente apenas com a comitiva de índios que a guiava, as notícias acerca da expedição conjunta de Leolinda e Cook pelas vilas, cidades e aldeias indígenas do rio Araguaia provavelmente se espalharam pelo sertão de Goiás, contribuindo para a disseminação do boato de que ela também fosse protestante. Esse pode ser um elemento que explica a recepção do frade capuchinho tão logo a educadora chegou ao povoado, sua oposição à permanência dela nas aldeias Xerente e, principalmente, à implantação de sua obra educacional entre os índios.

A prática de enviar alguns integrantes da comitiva para os próximos pontos a serem visitados para preparar hospedagem e mantimentos, assim como os encontros com viajantes e mercadores que percorriam os rios goianos, para quem Leolinda frequentemente narrava os

11

acontecimentos da sua expedição, podem ter contribuído para espalhar não apenas o boato de que ela fazia parte de uma comitiva protestante como também as versões de perseguição contra ela.

Enquanto a professora fugia das investidas do frade em direção ao rio Araguaia, o protestante William Cook seguia sua viagem através do rio Tocantins. Ao sair da Ilha do Bananal, a parada seguinte da expedição de Cook foi a vila do Sono, localizada às margens do rio do mesmo nome e um dos afluentes do rio Tocantins. O encontro entre frei Antonio e Cook ocorreu quando o frade católico fazia uma de suas visitas sacerdotais ao povoado. Partiu do protestante a iniciativa de fazer uma visita ao frade e, segundo seu relato, Frei Antonio o recebeu com brutalidade e, sem dar chances de reação, começou a discursar contra a sua atuação entre a população do povoado e contra a igreja protestante.

Ao tentar rebater as investidas do frade, William Cook apresentou um Novo Testamento “para ler como prova de que tinha a afirmar” (COOK: 1909, 155) e frei Antonio “sem examinar o livro, bradou: ‘É livro falso e eu queimo tudo que achar’ (DALTRO: 1920, 191). E intimou o missionário a se retirar da vila do Sono.

*Finalmente, quando ele não podia mais apelar à razão, novamente recorreu à denúncia e à intimidação, armas da maldade e brutalidade, gritando nos meus ouvidos: “Mentiroso! Besta! Ministro do inferno!”, concluindo seu discurso, ordenando-me para “não mais semear joio em seu campo”, e dizendo para mim com um olhar ameaçador, “Se você não tomar o seu pestilento caminho daqui imediatamente, vai acontecer para você o que aconteceu com os protestantes de Santa Rita: Eles viram a noite, mas nunca viram a manhã”. Eu respondi relacionando o incidente de Pedro e João sendo admoestados pelos judeus para não falar mais no nome de Jesus, e disse que minha resposta seria a mesma resposta deles (COOK: 1909, 155-56).*

Apesar das ameaças de Frei Antonio, William Cook permaneceu na vila do Sono realizando algumas reuniões em um dos cômodos da casa onde estava hospedado. Numa manhã, ouviu vozes chamando seu nome na língua inglesa: era George R. Witte,<sup>5</sup> “um missionário que tinha se interessado pelos povos indígenas do Brasil” (COOK: 1909, 205) e que chegava ao rio Tocantins vindo do Pará. Juntos, os missionários protestantes subiram o rio do Sono, visitando diversas aldeias Xerente ao longo de suas margens.

---

<sup>5</sup> Segundo informações do jornal presbiteriano *O Estandarte*, George W. Witte era missionário presbiteriano da Junta de Nova Iorque.

12

Assim como nos povoados, William Cook evangelizava os índios quando havia oportunidade. Ao encontrar em uma das aldeias Xerente que visitou alguns índios que sabiam falar português, o missionário aproveitou para lhes “ensinar um pouco do Evangelho” (COOK: 1909, 290). Também visitaram duas aldeias Krahô – Gameleira e Serrinha – situadas às margens do rio Manoel Alves Pequeno e nas proximidades de Pedro Afonso. Sem recursos para continuar a viagem, William Cook acompanhou George R. Witte a Carolina, no Maranhão, dando início à sua viagem de volta a São Paulo.

Enquanto Cook retornava, Leolinda seguia a viagem dela, percorrendo diversas regiões de Goiás, chegando a Conceição do Araguaia no fim de maio de 1899. Da mesma forma como aconteceu com Frei Antonio, Leolinda acusou o dominicano e seu auxiliar, Frei Guilherme Vigneau, não só de se oporem à sua permanência no povoado por considerá-la uma ameaça, como também de tramarem um plano para assassiná-la. Suas denúncias acerca deste plano e suas diversas críticas sobre o trabalho dominicano entre os índios em Conceição do Araguaia foram publicadas na imprensa carioca tão logo a professora chegou ao Rio de Janeiro, onde ela expôs sua versão dos acontecimentos em Goiás. Nas páginas do *Jornal do Comércio*, os dominicanos foram acusados pela professora de tramarem sua morte utilizando-se do serviço de dois barqueiros do rio Araguaia, que teriam recebido dinheiro para afogá-la durante os diversos traslados realizados por ela.

Se, no caso de Frei Antonio de Ganges, não localizamos nenhuma documentação acerca da versão ou da defesa do missionário sobre as denúncias de Leolinda, os missionários dominicanos envolvidos nas acusações feitas pela professora trataram de produzir sua defesa tão logo tomaram conhecimento dos fatos. Essas defesas podem ser encontradas no jornal *Gazeta de Belém*, que publicou uma carta de Frei Gil de Vilanova, e também em declarações recolhidas entre os moradores de Conceição do Araguaia, que defendiam os frades das denúncias feitas pela professora.

Rebatendo a argumentação da professora de que havia ido a Conceição do Araguaia a fim de realizar uma viagem de estudos e para conhecer pessoalmente Frei Gil de Vilanova e seu trabalho de catequese, na versão do missionário e seus aliados, o motivo verdadeiro da viagem de Leolinda a Conceição era o de “obter uma carta de recomendação em favor de seu filho, daqueles missionários que agora está perseguindo com tão torpes calúnias – pagando assim este e outros obséquios que lhes está devendo” (FERRO: 1901).

13

Segundo essa versão, Alfredo, o filho de Leolinda que a acompanhava na viagem, foi atacado pela malária e na tentativa de fazê-lo retornar ao Rio de Janeiro, a professora se dirigiu a Conceição para pedir a ajuda de Frei Gil, que havia saído numa viagem de exploração entre os rios Araguaia e Xingu. Após ser alcançado por um portador, Frei Gil atendeu ao pedido de Leolinda e escreveu ao governador do Pará pedindo que “restituisse um filho a sua mãe e um moço aos seus estudos” (VILANOVA: 1901).

Na opinião de Frei Gil, além do sentimento de ingratidão que nutria por quem só teria lhe prestado auxílios quando precisou, outro motivo podia explicar o comportamento da professora Daltro: sem produzir resultados que justificassem os investimentos e os incentivos recebidos para a sua expedição, ela procurava alguém para colocar a culpa do seu fracasso. Enquanto ele, no mesmo período de tempo que a professora empregou para chegar ao Araguaia, havia visitado por duas vezes as aldeias Kayapó, havia feito uma viagem ao Pará, uma expedição em direção ao rio Xingu e fundado um povoado que contava com muitos colonos cristãos, onde construiu duas escolas e fundou uma Missão indígena, D. Leolinda não havia feito nada. Dessa forma,

*a famosa excursionista tão festejada na Capital Federal e em São Paulo como havia de se apresentar a seu público, de aparecer no seu teatro? Ella teve então como uma iluminação. É o frade. É o frei Gil. – Sim, senhora, não há dúvida alguma. Sou o único responsável pelo fracasso da sua missão. Com os mesmos honestos argumentos poderia provar que sou o próprio micróbio da febre amarela. D. Leolinda porém queria mais. Faltava-lhe uma falsa aureola de martyr, e foi então que inventou seu romance de assassinato. Sempre o frade! (VILANOVA: 1901)*

Para os moradores de Conceição, além dos motivos expostos por Frei Gil, havia outro: ao criticar o trabalho de catequese e “caluniar” os missionários perante a opinião pública, a professora não desejava para si a direção da catequese indígena em Goiás, como dizia e reivindicava, mas sim para a denominação religiosa da qual ela agora fazia parte.

*Mas qual será o intento da Exma. D. Leolinda ao mentir e caluniar com tamanha imprudência? Seria por acaso o seguinte: querendo ela tomar o lugar dos missionários na grande obra da catechese ou substitui-los por outros catechisadores e quem sabe? Talvez pelos hereges protestantes em cujas fileiras ela se alistou. Como os manifestam as conversações e, íamos dizer, as pregações, a doutrina da ilustre professora, mormente em Santa Maria do Araguaia? – ai porém de nós naquele dia! (FERRO: 1901).*

Além da atuação de Leolinda no Rio de Janeiro e seu histórico de aliança com os protestantes, outro evento contribuía para reforçar as desconfianças dos frades e de seus

14

aliados em relação às críticas da professora: as investidas de seu amigo protestante entre os índios não apenas continuavam, mas também se intensificavam. William Cook retornou a Goiás, em 1900, e na companhia do missionário presbiteriano Carlos Morton e do missionário da *British and Foreign Bible Society*, Edward Seale, realizou algumas viagens de evangelização no sul de Goiás. Mas desta vez sua atenção estava voltada para os índios Bororo da região de Mato Grosso, onde visitou aldeias nas margens do rio Vermelho e do rio Ponto de Pedra, fazendo diversos registros acerca da cultura, da religião e da organização social dos índios.

E, enquanto Cook seguia sua viagem, George R. Witte estava em São Paulo e, em uma reunião na Igreja Presbiteriana, pedia o auxílio de seus membros para seu trabalho de evangelização dos índios localizados no norte do rio Amazonas, às margens do rio Negro. O sistema de atuação entre estes índios proposto por George Witte seria o mesmo utilizado entre os índios da América do Norte, que apresentava “admiráveis resultados”, segundo a folha presbiteriana *O Estandarte*: a fundação de escolas onde não haveria apenas a preocupação em cristianizar os índios, mas também moldar “seu braço aos trabalhos da indústria e da arte”.<sup>6</sup>

A preocupação com a educação e a formação dos índios também aparece na perspectiva missionária de William Cook, que, quando esteve na aldeia Gameleira dos índios Krahô, consultou-os sobre a possibilidade de enviar um professor para os educar. Após hesitarem sobre a oferta – situação entendida pelo missionário como uma demonstração de que os índios não compreendiam os motivos do oferecimento e, principalmente, porque “havia sofrido muito nas mãos dos frades e padres” (COOK: 1909, 220) – os índios a aceitaram.

Para Cook, a educação era um instrumento necessário para retirar os índios do estado de selvageria em que se encontravam. A educação primária e o ensino de “alguma coisa da lavoura, da arte do ferreiro, carpinteiro, sapateiro, alfaiate, etc”<sup>7</sup> eram essenciais para o estabelecimento de algum estado de civilização, e as experiências já vivenciadas em outras partes do mundo demonstravam que esse fato era incontestável. Mas, se a instrução ou educação “podia servir de *pedra angular*”, havia outras mais importantes: a “*pedra fundamental e a pedra philosophal*”:

<sup>6</sup> “Evangelização dos selvagens”. *O Estandarte*, 14 abr. 1900.

<sup>7</sup> “Rodeando o mundo e passando por ele. Viagem de nosso irmão W. A. Cook no interior do Brasil”. Parte VIII. *O Estandarte*, 19 abr. 1900.

*Sem infundir nas almas do selvagem uma nova vida, a vida eterna, a vida, natureza ou energia divina; sem que bebam do manancial da vida eterna e comão do fruto da arvore da vida; sem que se aproveitem do Santo Evangelho que o Apostolo Paulo diz ser o poder de Deus para salvar os povos e nações, não podem estabelecer-se em estado civilizado. Mas tendo por base esta Pedra fundamental e Philosophal, pode estabelecer-se e levantar-se o magnífico palácio de uma civilização christã, allumiada pela maravilhosa e benigna Luz da Verdade Eterna.<sup>8</sup>*

O professor prometido para a aldeia Krahô nunca chegou. Mas, em 1901, o periódico presbiteriano do Rio de Janeiro, *O Puritano*, dava as primeiras notícias sobre os resultados do trabalho de George R. Witte:

*Recebemos a boa noticia de que o Rev. Witte já encetou o trabalho de catequese entre os índios do Brasil, com optimos resultados. Alguns dos índios já vão receber arados para o cultivo do solo. São bem dispostos ao trabalho e a aceitar o Evangelho na sua simplicidade. Não necessitam de guizos nem as augiganzas do romanismo. 9 índios vão ser consagrados ao ministério. O Rev. Witte pede as orações dos crentes.<sup>9</sup>*

O temor dos religiosos católicos fazia sentido, já que os protestantes expandiam suas missões de evangelização e se viam no mesmo direito da Igreja Católica de atuar entre os índios. Para os protestantes, a secularização do Estado e a plena liberdade de cultos garantida pela Constituição abriam caminhos para o exercício da conquista de mentes e coração dos brasileiros, a fim de livrá-los da dominação e da ignorância do catolicismo. Para eles, ao invés de financiar as ordens religiosas católicas no trabalho de catequese dos índios, cabia ao governo o dever de cuidar da sua civilização “independente da religião romana ou de outra qualquer, deixando todas as religiões desenvolverem livremente a sua catechese”.<sup>10</sup>

No caso de Goiás, a fragilidade política em que se encontrava a Igreja Católica abria espaços para atuações de outros agentes interessados na ação entre os índios, como a professora Leolinda Daltro e os missionários William Cook e George R. Witte, colocando em risco o monopólio das ordens religiosas católicas no trabalho de catequese no estado. Sem as garantias que a condição de Igreja oficial lhe proporcionava, contando com a oposição de um governo que apresentava simpatias à presença protestante, as investidas desses agentes entre os índios representava uma ameaça concreta, principalmente ao projeto missionário dominicano que naquele momento dava seus primeiros passos.

<sup>8</sup> Idem.

<sup>9</sup> “Catechese”. *O Puritano*, 17 jul. 1901.

<sup>10</sup> “Catechese dos indígenas”. *O Puritano*, 01 set. 1904.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL



**REFERÊNCIAS**

COOK, Willian Azel. **Through the wildernesses of Brazil by horse, canoe and float**. New York: American Tract Society, 1909.

DALTRO, Leolinda. “Pelos selvícolas. Minha excursão aos sertões de Goyaz”. **A Política**, 21 set. 1910.

\_\_\_\_\_. **Início do Feminismo no Brasil**. Subsídios para a História. Rio de Janeiro: Typographia da Escola Orsina da Fonseca, 1918.

\_\_\_\_\_. **Da catechese dos índios no Brasil**. Notícias e documentos para a História (1896-1911). Rio de Janeiro: Typographia da Escola Orsina da Fonseca, 1920.

FERRO, Manoel Antonio de Souza. **Catequese dos índios Carajás do Pará pelos Missionários Dominicanos**. As calumnias – A Verdade. Documento DG2 P12 – Doc. 001.

GALLAIS, Estevão M. **O apóstolo do Araguaia**. Frei Gil de Villanova, missionário dominicano. Prelazia de Conceição do Araguaia, 1942.

GANGES, Frei Antonio de. **Carta de Frei Antonio de Ganges ao Comissário dos Frades Capuchinhos**. ACRJ, Documento 1-IX-29, 12 out. 1894.

GRIGÓRIO, Patrícia Costa. **A professora Leolinda Daltro e os missionários: disputas pela catequese indígena em Goiás**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2013.

HACK, Osvaldo Henrique. **Raízes cristãs do Mackenzie e seu perfil confessional**. São Paulo: Editora Mackenzie, 2003.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo (org). **A Igreja Católica no Brasil e o regime republicano**. São Paulo: Edições Loyola CEPEHIB, 1990.

MATOS, Alderi Souza de. **Os pioneiros presbiterianos no Brasil (1859-1900): missionários, pastores e leigos do século 19**. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

\_\_\_\_\_. O Colégio Protestante de São Paulo: um estudo de caso sobre o lugar da educação na estratégia missionária da Igreja. **Fides Reformata**, vol.4, nº 2, 1999.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa de. **O celeste porvir: a inserção do protestantismo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

ROCHA, Elaine Pereira. **Entre a pena e a espada – A trajetória de Leolinda Daltro: 1859-1935 – Patriotismo, indigenismo e feminismo**. Tese de Doutorado. FFLCH-USP, 2002.

SCHROEDER, Ivo. **Política e parentesco nos Xerente**. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2006.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

18

VAZ, Ronaldo Ferreira. **Da separação Igreja-Estado em Goiás à Nova Cristandade.** Dissertação de Mestrado. Goiânia: UFG, 1997.

VILANOVA, Frei Gil de. “Catequese dos índios”. **Gazeta de Belém**, 28 mar. 1901.